



## **A Semiótica Presente na Produção dos Especiais “Caravana JN (2006) e “JN no Ar” (2010) na Cobertura Política do Jornal Nacional<sup>1</sup>**

Helena Silva Ometto<sup>2</sup>  
Adenil Alfeu Domingos<sup>3</sup>  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo discutir as matérias, edição de imagens e estrutura político-jornalística, para demonstrar que, muito além do dito, há uma interpretação que pode atingir o ideologicamente construído nos textos e que ultrapassa a simples interpretação do senso comum no processo de recepção da mensagem jornalística. Essa geração de interpretantes Peirce entende como semiose. O *corpus* de análise são os quadros “Caravana JN” e “JN no Ar”, veiculados pelo Jornal Nacional em 2006 e 2010, que fazia cobertura jornalística do Brasil, em anos eleitorais de presidência. A semiótica de Peirce permite analisar com mais profundidade os elementos sógnicos que compõem esses quadros, já que, para a semiótica, tudo nele tem que ser visto como signo. Trata-se, portanto, de uma análise imanente, dos signos que compõem o *corpus* em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornal Nacional; Semiótica; Política.

### **Introdução:**

Este artigo pretende encetar uma análise semiótica, segundo as leis da lógica e a fenomenologia de Peirce, nos quadros políticos exibidos no Jornal Nacional nas eleições presidenciais de 2006 e 2010. O nome desses dois programas especiais foi Caravana JN e JN no ar, respectivamente. O enfoque principal será um estudo imanente dos signos que compõem essas duas séries de noticiários, no que se refere às linguagens híbridas envolvendo o não verbal - imagem, som - e o verbal. Como imagem, será analisado, essencialmente, o objeto dinâmico principal neles representado, ou seja, o território brasileiro como um todo de significação em que um acontecimento sempre está relacionado a outro, aparentemente independentes, mas sempre interagentes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da FAAC – Unesp, e-mail: [lena\\_ometto@hotmail.com](mailto:lena_ometto@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, e-mail: [adenil@faac.unesp.br](mailto:adenil@faac.unesp.br)



Para aplicar a semiótica de Peirce nesse cenário jornalístico é necessário, segundo Santaella (2005, p.6), ter conhecimentos prévios de teorias mais específicas, que tratem da sintaxe imagética e sonora, tendo em vista que a teoria peirceana relaciona logicamente diferentes aspectos signícos, mas não possui a especificidade de ser um instrumento de análise textual. Sua teoria é mais um meio de perceber a semiose, como geração de signos nos textos a serem analisados do que propriamente um instrumento de análise. A produção de novos signos na semiótica é chamada como signos interpretantes. Não há signo novo que não traga algo de um signo já existente. Esses signos nascem sempre de outros signos já existentes e se projetam teleologicamente para a produção de novos signos.

De imediato, é possível relacionar, de modo indicial, a condição de que os anos eleitorais para presidência no Brasil são anos de Copa do Mundo. Na terra chamada de “País do Futebol”, esse pormenor tem uma grande influência na situação da política brasileira. Até por volta do mês de agosto o país fica imerso nesse universo futebolístico e tudo o que se ouve e se vê nas ruas são clamores de ufanismo do verde-amarelo. As torcidas de diferentes locais do país se unem à espera do gol, como se cada brasileiro fosse o herói dessa façanha. As pessoas se reúnem para assistir aos jogos e torcem em uma mesma frequência pela vitória da seleção. Esse patriotismo, porém, parece morrer no instante em que é anunciado o campeão da Taça Jules Rimet, sendo ou não o time brasileiro. Passado esse frenesi, as bandeiras nacionais desaparecem dos carros, das sacadas, o hino nacional, praticamente, não é mais cantado nas ruas e as vibrações que uniam o país ficam menos intensas. A população, até então unida no mesmo grito de vitória, entra, agora, em uma luta campal na disputa de eleger os candidatos de preferência. Parece até que as pessoas se esquecem que as eleições são definidoras do futuro de todos os brasileiros e não de simples facções políticas. Desse modo, o país entre em guerra ideológica feita de interesses particulares.

Comemorar a participação do Brasil no Campeonato Mundial, vibrar e torcer pelo sucesso da seleção verde-amarela é um ato coletivo e amplamente positivo para a identidade e configuração do país e de seu povo. É importante, no entanto, guardar parte desse patriotismo para as discussões políticas do futuro do Brasil em que interesses maiores são colocados em disputa. Aliás, fazer essa intermediação também deveria ser uma das funções do jornalismo profissional. É nesse contexto de união e desagregação, que se apresenta aqui a análise do corpus de pesquisa, Caravana JN e JN no Ar. Além



disso, a análise também objetiva manter a visão dinâmica e real do país aos telespectadores após a euforia de uma Copa do Mundo.

Segundo uma pesquisa desenvolvida pela Rede Britânica BBC (VIZEU, 2008, p.11), para 56% dos brasileiros a televisão é a principal fonte de informação diária e o Jornal Nacional é o telejornal mais assistido do país, segundo o PNT – Painel Nacional de Televisão (Ibope, agosto 2010) e suas coberturas políticas, principalmente em ano eleitoral, têm grande peso sobre as decisões de voto da população.

O corpus desse artigo é exatamente essas reportagens especiais produzidas pela equipe do telejornal: Caravana JN, 2006 e JN no Ar, 2010. Serão analisadas de que forma os signos apresentados nas matérias procuram gerar interpretantes no telespectador-eleitor. É possível perceber uma semiose que decorre com a relação lógica entre os signos, e a semiótica presente na representação dos municípios e regiões do Brasil na forma de recortes e edições de matérias.

Como passo inicial para analisar essa série de signos do ponto de vista semiótico é necessário fazer uma análise fenomenológica dos mesmos: contemplar, discriminar e generalizar os signos dados, em correspondência com as características de primeiridade, secundidade e terceiridade da Teoria Semiótica de Peirce. Isso é o que será feito a partir de agora.

O artigo está enquadrado na Área Temática 8 do Intercom Junior (IJ8) – Estudos Interdisciplinares da Comunicação pois apresenta uma análise semiótica/signica de um quadro de jornalismo televisivo, explorando o signo, que é a base de todas as demais disciplinas. O estudo da vertente jornalística, semiótica, ideológica, política, fotográfica, de recepção e transmissão conferem ao artigo essa dimensão e esse enquadramento.

## **1. A cobertura política do Jornal Nacional**

O Jornal Nacional<sup>4</sup>, segundo William Bonner, editor chefe e apresentador do telejornal, a produção de séries especiais em anos eleitorais tem o objetivo de

---

<sup>4</sup> Jornal Nacional é o telejornal produzido pela Rede Globo de Televisão desde 1º de setembro 1969, há 41 anos. É veiculado em horário nobre, das 20h15 às 21h, diariamente, exceto aos domingos. Tem a maior audiência do país em telejornais, segundo pesquisa Ibope, 2010.

“...fazer com que os cidadãos-eleitores reflitam sobre os problemas nacionais. Quando apresentamos os problemas a serem combatidos, nós permitimos que o público reúna instrumentos para analisar o discurso dos candidatos a conquistar seu voto. É simples assim” (BONNER, 2009, p.203)

Nas eleições presidenciais de 2002, o Jornal Nacional produziu sua cobertura política eleitoral nesse tom de série de reportagens. O telejornal promoveu uma comparação entre os dados do IBGE de 1990 e 2000, apresentando numa grande série de reportagens os avanços, problemas e desafios para o novo governante. Nesse ano, os candidatos à presidência eram Luiz Inácio Lula da Silva, Lula (PT); José Serra (PSDB); Anthony William Garotinho Matheus de Oliveira (PSB, com PGT e PTC); Ciro Ferreira Gomes (PPS, com PDT e PTB); José Maria de Almeida (PSTU); Rui Costa Pimenta (PCO). O Jornal Nacional foi pioneiro na produção da rodada de entrevistas com os quatro principais candidatos à presidência. O presidente eleito foi Lula, com a promessa de uma mudança no cenário político nacional, no contexto de uma eleição inédita de um torneio mecânico, uma pessoa do povo.

### 1.1. Caravana JN

Nas eleições de 2006, o cenário se repetiu e, mais uma vez, o Jornal Nacional organizou uma cobertura especial para esse momento democrático. Mas, dessa vez, a empreitada foi diferente e mais ousada. Nesse ano a equipe do Jornal Nacional veiculou a série de reportagens “Desejos do Brasil”, produzida pela “Caravana JN”, um projeto pioneiro de cobertura política pelo Brasil a fora. As matérias eram exibidas diariamente em quadros de aproximadamente 2 minutos de duração. Foram visitadas aproximadamente 70 cidades em 15 000 quilômetros de estrada.



Priscilão: o ônibus da equipe “Caravana JN” em 2006

A primeira decisão foi o tempo de viagem e o itinerário do giro pelo Brasil. A Caravana deveria começar depois da Copa do Mundo e terminar antes das eleições, além do que deveria ser escalado um repórter específico para a elaboração e

acompanhamento do projeto. As soluções encontradas foram dividir o território nacional em regiões (Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste) ao invés dos 26 estados brasileiros e a nomeação de Pedro Bial para chefiar a Caravana que durou dois meses.

A primeira edição foi ao ar no dia 31 de julho de 2006, partindo da cidade de São Miguel das Missões (RS) e a última edição foi veiculada em 29 de setembro de 2006, da cidade de Brasília. Lembrando que o primeiro turno das eleições aconteceu em 1º de outubro.

A cada duas semanas, os âncoras, William Bonner e Fátima Bernardes, apresentavam o JN, ao vivo, de uma cidade das cinco regiões. O objeto da Caravana foi definido por Bonner (2009):

“As reportagens da equipe da Caravana JN deveriam mostrar, naquele ano eleitoral, quais eram os anseios dos eleitores cidadãos brasileiros. Estava batizada a série de VTs de Pedro Bial: “Desejos do Brasil”. (BONNER, 2009, p.194)

Para realizar a expedição, a equipe utilizou dois meios de transporte principais: o ônibus, batizado de Priscilão, que nas palavras de Bonner (2009, p.199), foi uma alusão a uma aventura de um grupo de gays pelo deserto australiano no filme Priscila: a Rainha do Deserto. Além de um barco para atravessar as águas amazônicas, batizado de Caravana. A escolha das cidades era determinada por sorteio.



William Bonner e Pedro Bial na apresentação ao vivo da Caravana JN em 2006

No ano de 2006 os candidatos à presidência eram Luís Inácio Lula da Silva, Lula (PT), Geraldo Alckimim (PSDB), Heloisa Helena (PSTU) e Cristovam Buarque (PDT). Houve segundo turno entre Lula (PT) e Alckmim (PSDB). É importante citar que as reportagens especiais são veiculadas pelo JN somente no período pré-primeiro turno. Para o segundo turno há outras modalidades de cobertura política, focando majoritariamente nas propostas e campanha dos dois candidatos em disputa.

## 1.2. JN no Ar



Para as eleições presidenciais de 2010, o projeto se repetiu, mas com nuances modernizadas e tons de novidade. O “Caravana JN” cedeu lugar para o “JN no Ar”. O objetivo permanecia o mesmo: mostrar em uma série de reportagens especiais as dificuldades, avanços e desafios das regiões brasileiras. O veículo mudou, agora ao invés de um ônibus e um barco, a equipe viajaria em um avião exclusivo, mais precisamente do modelo Falcon. O repórter Ernesto Paglia foi nomeado responsável pelo projeto para chefiar uma equipe de 8 pessoas.

A expedição durou 37 dias e 27 cidades foram visitadas. A primeira edição foi ao ar em 23 de agosto de 2010, diretamente da cidade de Macapá, no Amapá. A última veiculação aconteceu em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, no dia 30 de setembro de 2010. Algumas mudanças são visíveis entre a primeira série de reportagens, Caravana JN, e a segunda, JN no ar. A primeira delas é a duração das matérias que passaram de aproximadamente 2 minutos para cerca de 5 minutos. Com esse aumento de tempo de exibição a apuração foi melhorada e mais fontes foram entrevistadas, melhorando a defasagem de fontes e tornando o signo da notícia mais crível.



Ernesto Paglia comandou a equipe jornalística do JN no Ar em 2010.

O JN no Ar passou a apresentar também números e dados das cidades e estados visitados, como o número de habitantes, situação econômica, renda *per capita*, acesso à saneamento, índice de mortalidade infantil, homicídios e analfabetismo, além do número de eleitores evidenciando melhor apuração dos fatos e mais informações ao telespectador.



## **2. Análise semiótica dos quadros**

Nesse item, deseja-se que os quadros acima descritos sejam analisados a partir da semiótica de Peirce. Aplicando os conceitos peirceanos na descrição poderemos enxergar os signos e a semiose que produzem o efeito de sentido nas matérias e as diferentes interpretações que podem acontecer, tendo em vista que centenas de eleitores acompanham as séries de reportagens, cada um com uma pragmática própria. A análise semiótica dos quadros visa avaliar esses elementos que possibilitam a compreensão da mensagem textual, imagética e sonora imanentes.

### **2.1. Os signos envolvidos nas representações**

Os quadros produzidos pelo Jornal Nacional nos anos eleitorais podem ser analisados segundo a semiótica de Peirce pelo viés da linguagem feita de inferências. Para Peirce o não dito está nas entrelinhas do dito, a linguagem sempre sofre defasagens entre o dito e o não dito. Na produção e exibição dos quadros percebemos que as equipes de Pedro Bial, em 2006 e de Ernesto Paglia, em 2010, pretenderam expor para a população brasileira a situação de diversas partes do país, para consolidar uma consciência crítica em termos de Brasil e não somente de cidades ou estados.

No entanto, seria impossível expor todas essas questões em quadros televisivos, de forma que a análise de Peirce se encaixa em perceber na edição dos textos e imagens, até mesmo dos sons o que foi pretendido mostrar aí. Os quadros, enquanto coberturas jornalísticas, apresentaram um ponto de vista sobre o factual, mas não o factual. A equipe de reportagem e edição produziu um recorte de realidade em cada matéria produzida. É possível também notar a defasagem das fontes para conferir veracidade às situações descritas, principalmente nas edições da Caravana JN. A partir do momento em que a semiótica de Peirce é aplicada na produção dessas reportagens, é possível estabelecer a idéia de que o factual / acontecimento é um objeto, e portanto um signo, mais precisamente um signo informativo, por se tratar de um produto jornalístico.

No entanto, esse signo será sempre defasado em relação ao factual, justamente pela ação da falta de consenso, quanto ao significado do factual em foco. Essa identificação do signo jornalístico em textos informativos é bastante próxima do pensamento de signo científico de Peirce. Por ele, a grande maioria dos pensadores

daquele assunto entende que aquela explicação é a melhor entre todas que sejam feitas sobre um factual, em um determinado momento histórico. É mais o pensamento da humanidade do que da individualidade. Nesse instante, parece que o fato se narra a si mesmo, como se não houvesse sempre a intervenção de um ponto de vista humano descrevendo o acontecido.

Tanto a Caravana JN (2006) quanto o JN no Ar (2010), podem ser encaixados na teoria do signo triádico de Peirce. Conforme análise de Santaella (2005, p.12), o signo de Peirce em relação ao objeto apresenta três fases: signo, objeto e interpretante. Um mesmo signo pode ser visto como ícone do factual, como uma fotografia do mesmo ou uma estrela vermelha colocada no texto como signo de algo; como um índice, em que elementos dados no texto remetem a idéias outras como essa mesma estrela vermelha remetendo ao Partido dos Trabalhadores; ou um símbolo em que essa mesma estrela, convencionalmente, é o Partido dos Trabalhadores.

Como cada quadro é composto por dezenas de signos que visam representar aspectos da política do Brasil, podemos encontrar índices, ícones e símbolos em cada edição. Com a escolha da cidade a ser visitada através de sorteio, que pode ser considerado um índice de democracia, acontece, em seguida, a escolha da situação que será mostrada na edição. Essa escolha já traz em si novos signos, como por exemplo, na edição de 30 de setembro do JN no Ar, na cidade de Rio Grande (RS) em que a praia imponente e os grandes portos foram mostrados como índices de riqueza e desenvolvimento e o time de futebol da cidade, com 110 anos, símbolo de tradição.

O ato de determinar uma situação para análise do espaço político está intimamente ligado à linha editorial e ideológica da Rede Globo. É de conhecimento que a Rede Globo é direitista em relação à política e alguns conflitos já foram travados com a população e outras instituições diante dessa condição. O caso mais famoso aconteceu nas eleições de 1989, em que Fernando Collor venceu Lula na disputa presidencial. Se analisarmos a edição de 3 de dezembro de 1989 do último debate presidencial transmitido por um pool formado pela Globo, SBT, Bandeirantes e Manchete, que durou aproximadamente 3 horas, pode-se notar uma certo favorecimento ao candidato Collor, veiculando suas melhores falas em contraposição à seleção de falas menos favoráveis de Lula (dentro do contexto). Foi uma edição propositalmente desequilibrada do debate original.

Tomemos como exemplo a edição do JN no Ar exibida dia 24 de setembro de 2010 que visitou a cidade de Lençóis Paulista, interior do estado de São Paulo. Foram demonstrados três principais signos como identificadores dessa mesma cidade: a Biblioteca Municipal, que tem como objeto a cultura da cidade; as Fanfarras como índice das Escolas Públicas Municipais, que tem como objeto a educação; as empresas locais, para o objeto emprego e o principal, os canaviais, como índice do objeto agricultura e economia da cidade. Um dos efeitos interpretativos que a reportagem produz em seus espectadores é que a cana é a principal fonte de renda da cidade e geradora de empregos, mas a tecnologia está tomando o campo e ameaça essa condição.

Como afirma Santaella (2005, p.113):

“Ainda como exemplo, um vídeo de educação ambiental sobre o desmatamento da região amazônica é um signo que tem por objeto a região retratada no vídeo. Os efeitos interpretativos que o vídeo produz em seus espectadores é o interpretante do signo. Esses exemplos deixam à mostra o fato de que os efeitos interpretativos dependem diretamente do modo como o signo representa”.

Assim sendo, os ícones de Lençóis Paulista – a Biblioteca Municipal, as fanfarras das escolas públicas, as indústrias locais, e os canaviais serviram como signos da cidade expostos num vídeo. A apresentação dessa reportagem gerou efeitos interpretativos nos espectadores, como interpretantes desses signos. Essa interpretação é a imagem da cidade que se constituiu para os espectadores, seja ela a mais real ou não.

## **2.2. A leitura semiótica do vídeo**

A produção da imagem informativa postula a existência de três paradigmas: pré-fotográfico, que são as fotografias tiradas com os olhos, ou seja, a observação pessoal e desarmada de cada um sobre os fenômenos e as imagens artesanais; a fotográfica, que é a captação física do mundo visível, dependendo de aparatos como a máquina fotográfica e filmadora; e por fim a pós-fotográfica, as infografias geradas por computação. Trata-se de um processo de semiose, ou de geração de signos de um factual.

A produção do vídeo-reportagem, como é o caso do corpus desse artigo, enquadra-se no paradigma fotográfico, prestando-se como Santaella afirma (2005, p.



112) com bastante propriedade à documentação informativa. Aquilo que está nele retratado existe na realidade. É necessário atentar para o fato de os vídeos-reportagens serão constituídos de uma aliança entre as imagens e um discurso verbal. A fala e a linguagem estão nelas inextricavelmente unidas. (Santaella, 2005, p.113).

Nesse contexto, os vídeos reportagens passam a ser analisados sob o aspecto de um hibridismo de linguagem, já que unem linguagem imagética ou não verbal à linguagem verbal/textual. No contexto das reportagens, há uma série de signos embutidos, como “sugestionadores” de significados. Cada situação demonstrada traz seus signos próprios. E é exatamente por isso que ao final de cada edição o espectador tem a possibilidade de montar um panorama geral da situação de determinada cidade ou região como interpretante. É a semiose que está gerando uma série de interpretantes que juntos farão sentido.

Todos os vídeos-reportagens dos dois especiais, ora analisados, tratam do retrato do Brasil em período pré-eleitoral, tendo como referência (relação do signo com o que representa) comum as políticas públicas. Na condição de vídeos jornalísticos, eles enfatizam a reflexão e comprometimento do eleitor com a escolha do candidato. Para cada região há um recorte específico nesse campo de referência comum a todos.

### **2.3. Objeto dinâmico e Objeto imediato nas reportagens**

Os quadros especiais veiculados pelo Jornal Nacional podem passar por uma análise bastante aprofundada na vertente dos objetos dinâmico e imediato prevista na semiótica peirceana. Santaella afirma em 2005 que o objeto dinâmico é o que está sendo representado no signo, o objeto ao qual o signo se reporta e o objeto imediato é o signo em si, o modo como representa o objeto. Ela exemplifica a fotografia, sendo a paisagem, o local capturado na imagem o objeto dinâmico e a fotografia em si o objeto imediato.

Essa análise pode ser conferida aos quadros Caravana JN e JN no Ar. Em ambos, as cidades, os locais mostrados são os objetos dinâmicos e as imagens capturadas, a matéria em si são os objetos imediatos. Para a produção dos objetos imediatos é necessário fazer recortes específicos de cenas, regiões, situações tendo em vista que não é possível representar a totalidade do objeto dinâmico. O telespectador tem contato direto com o objeto imediato, produzido pela redação a partir de recortes e

edições que levaram em conta a ideologia do Jornal Nacional, os aspectos preponderantes indicados na pauta e outros critérios de noticiabilidade. Para Santaella (2005, p.19) esse recorte específico que a imagem faz da paisagem representada é o objeto imediato.

A inferência que se faz aqui é a de que as edições das reportagens em ambos os casos são signos indiciais, ou seja, as imagens, sons e palavras apresentadas, pois o objeto imediato é o modo particular pelo qual esse signo indica o seu objeto dinâmico. Sendo assim, essa análise semiótica levanta um ponto importante. O telespectador não deve acreditar que a edição apresentada revela a situação real de determinada cidade; ele deve considerar que houve um recorte de realidade e algumas informações foram omitidas. Todo ato de produzir um discurso sugere que o leitor tenha certos signos colaterais, que não estão no texto, mas funcionam como conhecimento compartilhado. Quando esse compartilhamento não se dá, é necessária uma busca mais aprofundada de informações em outras fontes para se ter a verdadeira noção da situação da cidade, se se tomar aqui os vídeos que nos servem de *corpus* de pesquisa.



Em geral, há uma falta de atenção dos telespectadores para esses pormenores, por exemplo, ao acessar esses vídeos dos quadros no You Tube e analisar os comentários postados pelos moradores. Muitos afirmam que a Rede Globo destacou somente os pontos negativos da cidade ou que não

mencionou realidades que os moradores acreditam ser essenciais na descrição da cidade. Atenemos ainda que é preciso levar em consideração os critérios de noticiabilidade e tempo disponíveis para exibição e ideologia da Rede Globo, para analisar essas edições ora focadas aqui.

Exemplos retirados da página do You Tube (print screen acima):

[joaoacrobatic](#)

1 mês atrás

Lembrando que o nosso aeroporto é asfaltado, tem balizamento, abastecimento e oficina de pequenos reparos, aceita aeronave do porte do falcon utilizado pelo JN no AR, só não pousaram aqui por causa sei lá do que... Quem vir visitar Lençóis, pode vir de avião tranquilamente que o nosso aeroporto tem história e é super funcional...

[ed7438](#)

1 mês atrás

Tanta Coisa Legal que poderia ser mostrado da cidade, pessoal foram (sic) mostra fanfara (sic). E nosso esgoto que 100% tratado (sic)? Mas valeuu! Foi legallll Divulgo um poço (sic) a cidade.....

## 2.4. Os níveis semióticos de análise presentes nas reportagens

Mais um ponto para ser semioticamente analisado é a carga ideológica que se apresenta nas edições das reportagens de acordo com a cidade representada no dia. É possível notar certa diferença de representação. Os signos apresentados geram os interpretantes na mente dos espectadores. A matéria por si só, somente pelo fato de existir, já traz embutida uma carga de interpretabilidade, como afirma Santaella, em seu livro já citado antes:

“ Trata-se do potencial interpretativo do signo, quer dizer, de sua interpretabilidade ainda no nível abstrato, antes de o signo encontrar um intérprete qualquer em que esse potencial se efetive”.Esse potencial é o interpretante imediato do signo (2005, p. 24)

A análise semiótica de Caravana JN e JN no Ar foi aqui pautada nos níveis de interpretação delimitados por Peirce: primeiridade, secundidade e terceiridade, baseando-se na sua fenomenologia. A análise em primeiridade (primeiro nível ou interpretante imediato) dos quadros permite-nos uma visão “descompromissada”, apenas contemplando o trabalho jornalístico exercido, a representação das cidades e regiões como um retrato do país, mostrando uma realidade do Brasil, incutindo na mente do espectador as qualidades dos signos, ou seja, os quali-signos.

Passada a fase do interpretante imediato (primeiro nível), entra em cena o interpretante dinâmico (segundo nível), que é ação em si do signo interpretante, tendo em cada mente uma interpretação e significação diferentes, de acordo com as experiências do interpretante, ou seja, da ação de sua pragmática de vida sobre o assunto em foco.

A análise em secundidade gera uma interpretação observacional, em que discriminamos as condições do signo e sua singularidade, distinguimos a parte do todo e consideramos o sin-signo. Nas reportagens, a análise em secundidade permite analisar as particularidades da escolha dos recortes, a edição, os aspectos destacados em cada região.

O terceiro nível, como afirma Santaella (2005, p. 26) é o interpretante final:



“O terceiro nível do interpretante é o interpretante final, que se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último. Como isso não é jamais possível, o interpretante final é um limite pensável, mas nunca inteiramente atingível.” (2005, p. 26)

A interpretação em terceiridade garante a generalização do fenômeno, a percepção das semelhanças entre todos os fenômenos da mesma espécie e identificação dos legi-signos. Essas séries de reportagens estão incluídas na classificação de série de reportagens jornalísticas, mas apresentam suas especificidades que são o principal corpus de análise semiótica, nesse caso, a escolha de signos para representação do Brasil.

Os três aspectos são inseparáveis, por isso formulam o signo triádico de Peirce (quali-sin-legi-signo) que foi analisado aqui no corpus de Caravana JN e JN no Ar e a relação com o interpretante e intérprete é inevitável. A exibição das reportagens tem o objetivo único de transmitir ao espectador o retrato de regiões do Brasil na situação pré-eleitoral sob a ótica da emissora, no caso Rede Globo. Interpretantes serão gerados no espectador-eleitor a partir dos signos exibidos e acontecerá uma semiose, com a produção ininterrupta de interpretantes.

Se considerarmos as séries de reportagens como signos icônicos das regiões apresentadas, inferimos que os interpretantes gerados serão remas, sendo apenas uma hipótese interpretativa. Isso é evidente, pois cada espectador pode interpretar os fatos demonstrados de maneiras diferentes.

### **Considerações Finais**

A produção das séries Caravana JN, em 2006, com a veiculação da série de reportagens Desejos do Brasil, e JN no Ar, em 2010, pela Rede Globo e mais precisamente pelo Jornal Nacional realizou a cobertura jornalística da situação social do Brasil nos respectivos anos eleitorais. Foi um fazer jornalístico inovador na televisão brasileira e as edições veiculadas diariamente no período pré-eleitoral exerceram influência no voto da população, tendo em vista que o Jornal Nacional é o telejornal mais assistido do país, segundo pesquisa Ibope, de agosto de 2010 e 56% dos brasileiros tem na televisão a principal fonte noticiosa (pesquisa da BBC em VIZEU, 2008, p.9).

Essa análise semiótica do corpus descrita no artigo permitiu a percepção dos signos fundamentais em oposição aos interpretantes. Em outras palavras, foi possível



identificar o background dos signos, seu arque, ou seja, o elemento fundamental, presente em todas as reportagens e em todas as interpretações decorrentes. O background, o signo fundamental de produções jornalísticas são os signos factuais, aquilo que realmente aconteceu e pode ser visto já em primeiridade, não há como negar um fato. Esse background se faz presente em todas as interpretações, mas não sozinho. Cada interpretação é complementada pelos interpretantes individuais, ou seja, os signos gerados a partir das experiências de vida de cada intérprete em relação ao assunto em foco, assim sendo de sua pragmática.

Tomando-se mais uma vez a edição do JN no Ar de Lençóis Paulista como exemplo, podemos inferir que todos os espectadores têm um ponto comum de interpretação que é exatamente o background, o signo factual da reportagem, como o número de habitantes, número de eleitores, porcentagem de saneamento básico e educação. Não como produzir interpretantes diferenciados sobre um factual. No entanto, os interpretantes gerados em secundidade e terceiridade não seguem o mesmo padrão. Nessas interpretações a pragmática, experiências de vida do espectador exercem influência sobre a concepção final. Em outras palavras, um morador de Lençóis Paulista terá uma interpretação diferente da reportagem em relação a uma pessoa que nem conheça a cidade ou que conheça sua existência, mas não a frequente. Um morador que acompanha os aspectos sociais do município terá mais propriedade para falar sobre as falhas de edição e reportagem naquela produção, enquanto um cidadão que desconheça esses aspectos específicos aceite pacificamente a realidade mostrada na reportagem.

Esse é o principal ponto de análise e conclusão desse artigo: todos os espectadores têm contato com o mesmo objeto imediato, a reportagem exibida no Jornal Nacional, mas nem todos têm a mesma relação com o objeto dinâmico. A análise em primeiridade será a mesma a partir do background, que são os signos fundamentais mostrados no objeto imediato, mas as análises em secundidade e terceiridade serão diferentes de acordo com a relação do espectador com o município mostrado e sua pragmática. Eles conservam a identidade do objeto factual que subjaz a toda interpretação individual e que permite a comunicação interativa entre os interpretantes de um mesmo factual. Apesar de o objetivo do Jornal Nacional em suas séries de reportagens ter sido mostrar um retrato do Brasil para toda a população, as interpretações foram diferentes para cada espectador. É possível dizer que o espectador



aprimorou uma análise em secundidade dos municípios e estado que não o seu e manteve uma visão em terceiridade de seu município ou estado representado.

## **Referências:**

### **a) sites consultados na Internet**

<<http://g1.globo.com/platb/jnoar/>>. Acesso em: 25 out. 2010.

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=403TVQ001>>. Acesso em 10 Nov 2010.

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=403TVQ001>> Acesso em 10 Nov. 2010.

<<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5270-p-21752,00.html>>  
Acesso em 17 Nov. 2010.

<<http://www.youtube.com/watch?v=rJ3rudZ2odA&feature=related>> Acesso em 17 Nov. 2010.

<[http://www.youtube.com/comment\\_servlet?all\\_comments=1&v=5Rg5ZyA9TDc](http://www.youtube.com/comment_servlet?all_comments=1&v=5Rg5ZyA9TDc)>;  
Acesso em 17 Nov. 2010.

### **b) livros citados**

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.